

Aqueles Que Se Afastam de Omelas

ou (Os Que Se Afastam de Omelas)

The Ones Who Walk Away From Omelas

Ursula K. Le Guin

Tradução (que ainda precisa ser melhorada) e reformatação: JorgeK'3'58.

(No final há também o conto no inglês).

Com um clamor de sinos marcados pela elevação das andorinhas, deu-se o início ao Festival de Verão da cidade de Omelas, brilhantes torres à beira-mar. O equipamento dos barcos no porto brilhavam com suas bandeiras. Nas ruas, entre as casas com telhados vermelhos e paredes pintadas, entre antigos jardins cobertos de musgo e sob avenidas de árvores, grandes parques do passado e edifícios públicos, as procissões se moviam. Algumas eram discretas: idosos em longas túnicas rígidas de malva e cinza, operários mestre austeros, quietos, mulheres alegres carregando seus bebês a bater papo enquanto caminhavam. Em outras ruas a música com batidas mais rápidas, um cintilante gongo e pandeiro, as pessoas dançavam, a procissão era uma dança. Crianças corriam, indo e vindo se esquivando, seus gritos altos subindo como o voo das andorinhas cruzando sobre a música e o canto. Todas as procissões dirigiam-se para o lado norte da cidade onde, num grande prado d'água chamado *Green Fields*, meninos e meninas, nus ao ar brilhante, com pés e tornozelos manchados de lama e esbeltos braços longos, se esforçavam em controlar seus inquietos cavalos antes da corrida. Os cavalos não usavam freios de metal, mas um arreios simples. Suas crinas foram trançadas com fitas prateadas, douradas e verdes. Eles alargavam suas narinas e empinavam e vangloriavam-se uns aos outros; eles estavam muito excitados; sendo o o cavalo o único animal a participar das cerimônias.

Ao longe, ao norte e oeste, as montanhas se elevavam circundando metade de Omelas em sua baía. O ar da manhã era tão clara que a neve ainda coroando os *Eighteen Peaks*, queimava com o fogo branco-dourado através de milhas de ar iluminados pelo sol, sob o azul escuro do céu. Havia vento suficiente apenas para fazerem flutuar, de vez em quando, os estandartes fincados que marcavam a rota da pista de corrida. No silêncio dos grandes prados verdes pode-se ouvir a música sinuosa pelas ruas da cidade, mais distante e mais próximo e se aproximando, uma alegre doçura leve do ar que, de vez em quando, treme e se aglomera e estoura em um grande clangor alegre dos sinos.

– Alegre! Como é que se pode dizer algo sobre a alegria? Como descrever os cidadãos de Omelas?

Eles não eram pessoas simplórias, veja você, apesar de serem felizes. Mas não dizem palavras animadoras em demasia. Todos os sorrisos tornaram-se arcaicos. Dada uma descrição como esta tende-se a fazer certas suposições. Dada uma descrição como esta tende-se a procurar, nas proximidades, um rei, montado em um garanhão esplêndido e rodeado por seus nobres cavaleiros ou, talvez, em uma liteira dourada sendo transportado por grandes e musculosos escravos. Mas não havia rei. Eles não usam espadas nem mantinham escravos. Eles não eram bárbaros. Eu não conheço as regras e leis de sua sociedade, mas suspeito que elas eram singularmente poucas. Como eles conseguiram sem monarquia e nem escravidão, e também sem a bolsa de valores, o anúncio, a polícia secreta e a bomba. No entanto, repito que estas não eram pessoas simplórias, nem pastores dóceis, nobres selvagens, utópicos insossos. Eles não eram menos complexos do que nós. O problema é que temos um mau hábito, incentivado por pedantes e sofistas⁽¹⁾, de considerar a felicidade como algo muito estúpido. Só a dor é intelectual, só o mal é interessante. Esta é a traição do artista: a recusa em admitir a banalidade do mal e o terrível tédio da dor. Se você não pode vencer o inimigo, junte-se a eles. Se dói, repita-a. Mas, para louvar o desespero é condenar o prazer. Para abraçar a violência é perder o controle de todo o resto. Nós quase perdemos

o tempo de espera; já não podemos descrever um homem feliz, nem fazer qualquer celebração da alegria. Como é que eu posso descrever o povo de Omelas?

(1) Apesar do original “**sophisticates**” optei por *sofistas* (ou poderia ser *sofismáticos*)

Eles não eram crianças inocentes e felizes – apesar de seus filhos serem, de fato, felizes. Eram inteligentes, maduros, adultos, apaixonados, cujas vidas não eram miseráveis. Ó maravilha! mas eu gostaria de poder descrevê-lo melhor. Eu gostaria de poder convencê-lo. Omelas soa, em minhas palavras, como uma cidade em um conto de fadas, há muito tempo, em um lugar muito longe, era uma vez.... Talvez seria melhor se você imaginasse com seus próprios lances de fantasia, supondo que eles chegarão à altura das circunstâncias, pois certamente eu não posso atender a todos vocês. Por exemplo, que tal tecnologia? Eu acho que não haveria carros nas ruas nem helicópteros acima delas; isso decorre do fato de que o povo de Omelas são pessoas felizes.

Felicidade é baseado apenas em discernir o que é necessário, do que não é necessário mas não destrutivo e do que é destrutivo. Na categoria do meio, no entanto – a do desnecessário, mas não destrutivo que é de conforto, luxo, exuberância, etc – eles poderiam perfeitamente ter aquecimento central, trens de metrô, máquinas de lavar e todos os tipos de dispositivos maravilhosos que ainda não inventaram aqui, fontes de luz flutuantes, motores sem combustível, uma cura para o resfriado comum. Ou eles poderiam não ter nada disso; não importa, imagine o que você quiser. Eu me inclino a pensar que as pessoas das cidades acima e abaixo da costa foram chegando a Omelas, durante os últimos dias antes do Festival, em pequenos e velozes trens e bondes de dois andares e que a estação de trem de Omelas é na verdade o prédio mais bonito de cidade, embora mais simples que o magnífico *Farmers' Market*.

Mas, mesmo que possua trens, temo que Omelas, até agora, se pareça a alguns de vocês um lugar tão bonzinho. Sorrisos, sinos, desfiles, cavalos, blá... Se

assim for, por favor, adicione uma orgia. Se uma orgia for ajudar, não hesite. Não teremos, porém, templos a partir do qual surgirão belos sacerdotes e sacerdotisas nus já meio em êxtase e prontos para copular com qualquer homem ou mulher, amante ou estrangeiro, que deseje a união com a divindade profunda do sangue, apesar de que foi a minha primeira ideia. Mas, na verdade, seria melhor não ter nenhum templo em Omelas – pelo menos, não templos manipulados. Religião sim, clero não. Certamente os belos nus podem simplesmente vaguear, oferecendo-se como suflês divinos para a fome dos necessitados e do arrebatamento da carne. Deixe que eles participem das procissões. Como tamborins atingidos acima das cópulas e a glória do desejo ser proclamado sobre os gongos e (um ponto não insignificante) deixar a prole destes rituais deliciosos ser amada e cuidada por todos. Uma coisa que eu sei que não há em Omelas é culpa.

Mas o que mais deve haver? Pensei a princípio que não havia drogas, mas isso é puritanismo. Para quem gosta, a doçura insistente e lânguida do *drooz*⁽²⁾ pode perfumar os caminhos da cidade. Drooz que, pela primeira vez, traz uma grande leveza e brilho para a mente e membros e, em seguida, depois de algumas horas um sonho lânguido e visões maravilhosas dos últimos arcanos⁽³⁾ e os mais íntimos segredos próprios do universo, assim como um emocionante prazer do sexo para além da crença; mas isso não é um hábito naquela cidade. Para gostos mais modestos eu acho que deveria haver cerveja. O que mais, que outra coisa mais pertence à cidade alegre? A sensação de vitória, certamente, a celebração da coragem. Mas, como a fizemos, sem clero, vamos fazer sem soldados. A alegria construída sobre matança bem sucedida, não é o tipo certo de alegria; não acontecerá; é temível e banal.

Uma satisfação ilimitada e generosa, um triunfo magnânimo sentida não contra um inimigo externo, mas na comunhão com o melhor e mais justo nas almas de todos os homens em toda parte e no esplendor do verão do mundo: é o

que incha os corações do povo de Omelas, e a vitória que eles comemoram é o da vida. Eu realmente não acho que muitos deles precisam tomar drooz.

(2) **Drooz**. É possível supor que este termo não foi apenas uma palavra que Le Guin criou caprichosamente. Parece que ela joga com, **druse** que é uma incrustação de cristais em uma rocha e com **druze** que é um substantivo que significa um membro de uma seita islâmica específica. Ambos são foneticamente pronunciado, como se pode imaginar, da mesma forma ou muito próximo de **Drooz**. A primeira definição de fontes de imagens de um medicamento tomado pelos cidadãos de Omelas que se cristaliza. Considerando que a segunda implica talvez uma conotação religiosa que faz sentido no contexto que, pouco antes de sua adição de drogas, o narrador discute religião e possivelmente foi um termo familiar para Le Guin devido ao fato de seu pai ter sido antropólogo.

(3) **Arcano** - (Subst.) Mistério, segredo. (Adj.) Enigmático, misterioso.

A maior parte da procissão chegou aos campos verdes agora. Um aroma maravilhoso de cozidos sai das tendas vermelhas e azuis de alimentação. Os rostos das crianças pequenas são amigavelmente pegajosos; na barba grisalha benigna de um homem estão entrelaçados migalhas de saborosa pastelaria. Os jovens e as meninas montaram seus cavalos e estão iniciando um grupo em torno da linha de partida do percurso. Uma mulher idosa, pequena, gorda e soridente está distribuindo flores de um cesto e jovens homens altos as colocam em seus cabelos brilhantes. Um garoto de nove ou dez anos se senta na borda da multidão, sozinho, tocando uma flauta de madeira. As pessoas param para ouvi-lo e sorriem, mas não falam com ele, pois ele nunca deixa de tocar e nunca olha para eles, seus olhos escuros totalmente absorto na magia fina e doce da música.

Ele termina e, lentamente, baixa as mãos segurando a flauta de madeira. Como se esse silêncio privado fosse um sinal, de uma só vez, soam as trombetas de um pavilhão perto da linha de partida: imperioso, melancólico, profundo. Os cavalos, em suas pernas finas, recuam em resposta. Os jovens montadores, demonstrando tranquilidade, acariciam os pescoços dos cavalos para acalmá-los, sussurrando: "Calma, calma, minha beleza, minha esperança" Eles se colocam ao longo da linha de partida conforme a classificação. As multidões ao longo da

pista de corrida são como um campo de grama e flores ao vento. O Festival de Verão já começou.

Você acredita? Você aceita o festival, a cidade, a alegria? Não? Então deixe-me descrever mais uma coisa.

Em um porão debaixo de um dos belos edifícios públicos da Omelas, ou talvez na adega de uma das suas espaçosas residências existe um quarto com uma porta trancada e sem janelas. Uma réstia de luz penetra pela poeira entre rachaduras nas placas, de segunda mão de uma janela cobertas de teias em algum lugar do outro lado da adega. Em um canto do pequeno quarto um par de esfregões, duros, coagulados, fedorentos estão perto de um balde enferrujado. O chão é de terra, um pouco úmido ao toque, como adega de terra normalmente é. O quarto é de cerca de três passos de comprimento e dois de largura: um mero armário de vassouras ou sala de ferramenta em desuso. Neste quarto uma criança está sentada. Poderia ser um menino ou uma menina. Parece ter cerca de seis anos mas, na verdade, têm quase dez. É débil mental. Talvez nasceu com defeito ou, talvez, tenha se tornado imbecil através do medo, desnutrição e abandono. Ela esfrega seu nariz e, ocasionalmente, se atrapalha vagamente com seus dedos do pé ou genitais, pois fica encolhido no canto mais distante do balde e dos dois esfregões. É medo dos esfregões. Ela os acha horríveis. Ela fecha os olhos, mas sabe que os esfregões ainda estão lá, de pé; e a porta está fechada; e ninguém virá. A porta está sempre trancada; e ninguém nunca vem, só que às vezes – a criança não tem compreensão de tempo ou intervalo – às vezes a porta chocalha terrivelmente e se abre e uma pessoa, ou várias pessoas, estão lá. Um deles pode entrar e chutar a criança para fazê-la levantar-se. Os outros nunca chegam perto, mas a espreitam com olhos assustados, enojados. A tigela de comida e o jarro de água são rapidamente preenchidos, a porta é trancada e os olhos desaparecem. As pessoas na porta nunca dizem nada, mas a criança, que nem sempre viveu na sala de ferramenta e pode lembrar-se de luz solar e da voz de sua mãe, às vezes fala. "Eu vou ser bom", ela diz. "Por favor, deixe-me sair. Vou ser bom!" Eles nunca

respondem. A criança costumava gritar por ajuda durante a noite, e chorar bastante tempo, mas agora ela só faz uma espécie de choramingo, "eh-haa, eh-haa", e fala menos e com menos frequência. Ela é tão fina que não há panturrilhas nas pernas; sua barriga se projeta; ela vive com meia tigela de farinha de milho e gorduras por dia. Ela está nua. As suas nádegas e coxas são uma massa de feridas infecionadas, enquanto se senta em seu próprio excremento continuamente. Todos eles sabem que está lá, todo o povo de Omelas. Alguns deles chegaram a vê-la, outros se contentam apenas em saber que está lá. Todos eles sabem que tem que estar lá. Alguns deles entendem o porquê, outros não, mas todos entendem que a sua felicidade, a beleza de sua cidade, a ternura de suas amizades, a saúde de seus filhos, a sabedoria dos seus estudiosos, a habilidade de seus fabricantes, mesmo a abundância da sua colheita e o clima agradável de seus céus, dependem inteiramente do sofrimento abominável desta criança.

Isso geralmente é explicado às crianças quando estão entre oito e doze anos, sempre que elas parecem capazes de compreender; e a maioria das pessoas que vêm para ver a criança são jovens, embora muitas vezes adultos venham, ou retornem, para ver a criança. Não importa quão bem o assunto tenha sido explicado a eles, esses jovens espectadores sempre ficam chocados e enojados com a visão. Eles sentem desgosto, quando se julgavam superiores. Eles sentem raiva, indignação, impotência, apesar de todas as explicações. Eles gostariam de fazer algo para a criança. Mas não há nada que possam fazer. Se a criança for trazida à luz do sol, fora daquele lugar vil, se fosse limpa e alimentada e confortada, o que seria uma coisa boa, na verdade; mas se isso fosse feito, nesse dia e nessa hora toda a prosperidade, beleza e prazer de Omelas iria murchar e ser destruído. Esses são os termos.

Para trocar toda a bondade e graça de cada vida em Omelas por essa pequena e única melhora; jogar fora a felicidade de milhares para a possibilidade da felicidade de uma: a de que seria deixar a culpa dentro dos muros de fato. Os termos são estritos e absolutos; nem mesmo uma palavra amável pode ser dita à

criança. Muitas vezes, os jovens vão para casa em lágrimas, ou em uma raiva sem lágrimas, quando eles viram a criança e enfrentaram este terrível paradoxo. Eles podem meditar sobre isso por semanas ou anos. Mas, com o passar do tempo eles começam a perceber que, mesmo que a criança pudesse ser libertada, ela não iria ficar muito bem com sua liberdade: um pouco de prazer vago de calor e comida, sem dúvida, mas pouco mais. É muito degradada e imbecil para conhecer qualquer alegria real.

Ela teve medo por tanto tempo que nunca mais seria livre do medo. Seus hábitos são demasiado rudes para ela responder a um tratamento humano. Na verdade, depois de tanto tempo que provavelmente seria infeliz sem paredes sobre ela para protegê-la, e sem as trevas para os seus olhos, e seu próprio excremento para sentar-se por cima deles. Suas lágrimas pela injustiça amarga, secam, quando eles começam a perceber a terrível justiça da realidade, e a aceitá-la. No entanto, as suas lágrimas e raiva, as provas da sua generosidade e da aceitação de sua impotência o que são, talvez, a verdadeira fonte do esplendor de suas vidas.

Deles não é, felicidade irresponsável e insípida. Eles sabem que, como a criança, não são livres. Eles conhecem compaixão. É a existência da criança e seu conhecimento de sua existência que possibilita a nobreza de sua arquitetura, a pungência de sua música, a profundidade de sua ciência. É por causa da criança que eles são tão gentis com as crianças. Eles sabem que se uma coitada não estivesse lá a choramingar no escuro, o outro, o flautista, não poderia fazer nenhuma música alegre como os jovens cavaleiros que se alinharam em sua beleza para a corrida à luz do sol da primeira manhã de verão.

Agora, você acredita neles? Eles não são mais críveis? Mas há mais uma coisa a dizer, e isso é muito incrível.

Às vezes, uma das meninas ou meninos adolescentes que vão ver a criança não vai para casa para chorar ou ficar com raiva; não voltam, de fato, para casa.

Às vezes, também um homem ou uma mulher muito mais velha fica em silêncio por um dia ou dois, e depois sai de casa. Essas pessoas vão para a rua, e caminham sozinhas. Mantêm-se de pé andando e andam em linha reta para fora da cidade de Omelas, através de seus belos portões. Elas continuam, atravessando os campos agrícolas de Omelas. Cada um vai sozinho, o jovem ou menina, homem ou mulher. A noite cai; o viajante tem de passar pelas ruas da vila, entre as casas com iluminação amarela nas janelas, e na escuridão dos campos. Cada um sozinho, eles vão para o oeste ou para o norte, em direção às montanhas. Eles vão. Abandonam Omelas, sempre em frente para a escuridão, e eles não voltam. O lugar para onde eles se dirigem é ainda menos imaginável para a maioria de nós do que a cidade da felicidade. Eu realmente não posso descrevê-lo. É possível que não exista. Mas eles parecem saber para onde estão indo, *aqueles que se afastam de Omelas.*

~~~~~\*\*\*~~~~~

Sobre a autora:

**Ursula Kroeber Le Guin** (Berkeley, Califórnia, Estados Unidos, 21 de Outubro de 1929) é uma escritora norte-americana. Escreveu romances, ensaios, contos, poesia e literatura infantil, destacando-se na Fantasia e na Ficção Científica. Os seus primeiros trabalhos foram publicados em 1960 e, desde aí, as suas obras exploraram, nomeadamente, aspectos do taoísmo, anarquismo, etnografia, feminismo, psicologia e sociologia

O *Ciclo de Terramar*, composto por cinco narrativas e um livro de contos, e o romance *A Mão Esquerda das Trevas*, parte do Ciclo de Hainish, são as suas obras mais conhecidas. Destaque também para *Os Despossuídos*. O conto abaixo faz parte da coletânea “As Doze Quadras do Vento: Histórias Curtas” Ganhadora do Prêmio Hugo Pelo Melhor Conto Fantástico em 1974.

# **The Ones Who Walk Away from Omelas**

**Ursula K. Le Guin**

With a clamor of bells that set the swallows soaring, the Festival of Summer came to the city Omelas, bright-towered by the sea. The rigging of the boats in harbor sparkled with flags. In the streets between houses with red roofs and painted walls, between old moss-grown gardens and under avenues of trees, past great parks and public buildings, processions moved. Some were decorous: old people in long stiff robes of mauve and grey, grave master workmen, quiet, merry women carrying their babies and chatting as they walked. In other streets the music beat faster, a shimmering of gong and tambourine, and the people went dancing, the procession was a dance. Children dodged in and out, their high calls rising like the swallows' crossing flights over the music and the singing. All the processions wound towards the north side of the city, where on the great water-meadow called the Green Fields boys and girls, naked in the bright air, with mud-stained feet and ankles and long, lithe arms, exercised their restive horses before the race. The horses wore no gear at all but a halter without bit. Their manes were braided with streamers of silver, gold, and green. They flared their nostrils and pranced and boasted to one another; they were vastly excited, the horse being the only animal who has adopted our ceremonies as his own. Far off to the north and west the mountains stood up half encircling Omelas on her bay. The air of morning was so clear that the snow still crowning the Eighteen Peaks burned with white-gold fire across the miles of sunlit air, under the dark blue of the sky. There was just enough wind to make the banners that marked the racecourse snap and flutter now and then. In the silence of the broad green meadows one could hear the music winding through the city streets, farther and nearer and ever approaching, a cheerful faint sweetness of the air that from time to time trembled and gathered together and broke out into the great joyous clanging of the bells.

Joyous! How is one to tell about joy? How describe the citizens of Omelas?

They were not simple folk, you see, though they were happy. But we do not say the words of cheer much anymore. All smiles have become archaic. Given a description such as this one tends to make certain assumptions. Given a description such as this one tends to look next for the King, mounted on a splendid stallion and surrounded by his noble knights, or perhaps in a golden litter borne by great-muscled slaves. But there was no king. They did not use swords, or keep slaves. They were not barbarians. I do not know the rules and laws of their society, but I suspect that they were singularly few. As they did without monarchy and slavery, so they also got on without the stock exchange, the advertisement, the secret police, and the bomb. Yet I repeat that these were not simple folk, not dulcet shepherds, noble savages, bland utopians. They were not less complex than us. The trouble is that we have a bad habit, encouraged by pedants and sophisticates, of considering happiness as something rather stupid. Only pain is intellectual, only evil interesting. This is the treason of the artist: a refusal to admit the banality of evil and the terrible boredom of pain. If you can't lick 'em, join 'em. If it hurts, repeat it. But to praise despair is to condemn delight, to embrace violence is to lose hold of everything else. We have almost lost hold; we can no longer describe a happy man, nor make any celebration of joy. How can I tell you about the people of Omelas? They were not naive and happy children – though their children were, in fact, happy. They were mature, intelligent, passionate adults whose lives were not wretched. O miracle! but I wish I could describe it better. I wish I could convince you. Omelas sounds in my words like a city in a fairy tale, long ago and far away, once upon a time. Perhaps it would be best if you imagined it as your own fancy bids, assuming it will rise to the occasion, for certainly I cannot suit you all. For instance, how about technology? I think that there would be no cars or helicopters in and above the streets; this follows from the fact that the people of Omelas are happy people. Happiness is based on a just discrimination of what is necessary, what is neither necessary nor destructive, and what is destructive. In the middle category, however – that of the unnecessary but undestructive, that of comfort, luxury,

exuberance, etc. – they could perfectly well have central heating, subway trains, washing machines, and all kinds of marvelous devices not yet invented here, floating light-sources, fuelless power, a cure for the common cold. Or they could have none of that; it doesn't matter. As you like it. I incline to think that people from towns up and down the coast have been coming in to Omelas during the last days before the Festival on very fast little trains and double-decked trams, and that the train station of Omelas is actually the handsomest building in town, though plainer than the magnificent Farmers' Market. But even granted trains, I fear that Omelas so far strikes some of you as goody-goody. Smiles, bells, parades, horses, bleh. If so, please add an orgy. If an orgy would help, don't hesitate. Let us not, however, have temples from which issue beautiful nude priests and priestesses already half in ecstasy and ready to copulate with any man or woman, lover or stranger, who desires union with the deep godhead of the blood, although that was my first idea. But really it would be better not to have any temples in Omelas – at least, not manned temples. Religion yes, clergy no. Surely the beautiful nudes can just wander about, offering themselves like divine souffles to the hunger of the needy and the rapture of the flesh. Let them join the processions. Let tambourines be struck above the copulations, and the glory of desire be proclaimed upon the gongs, and (a not unimportant point) let the offspring of these delightful rituals be beloved and looked after by all. One thing I know there is none of in Omelas is guilt. But what else should there be? I thought at first there were not drugs, but that is puritanical. For those who like it, the faint insistent sweetness of drooz may perfume the ways of the city, drooz which first brings a great lightness and brilliance to the mind and limbs, and then after some hours a dreamy languor, and wonderful visions at last of the very arcana and inmost secrets of the Universe, as well as exciting the pleasure of sex beyond belief; and it is not habit-forming. For more modest tastes I think there ought to be beer. What else, what else belongs in the joyous city? The sense of victory, surely, the celebration of courage. But as we did without clergy, let us do without soldiers. The joy built upon successful slaughter is not the right kind of

joy; it will not do; it is fearful and it is trivial. A boundless and generous contentment, a magnanimous triumph felt not against some outer enemy but in communion with the finest and fairest in the souls of all men everywhere and the splendor of the world's summer: this is what swells the hearts of the people of Omelas, and the victory they celebrate is that of life. I really don't think many of them need to take drooz.

Most of the procession have reached the Green Fields by now. A marvelous smell of cooking goes forth from the red and blue tents of the provisioners. The faces of small children are amiably sticky; in the benign grey beard of a man a couple of crumbs of rich pastry are entangled. The youths and girls have mounted their horses and are beginning to group around the starting line of the course. An old women, small, fat, and laughing, is passing out flowers from a basket, and tall young men where her flowers in their shining hair. A child of nine or ten sits at the edge of the crowd, alone, playing on a wooden flute. People pause to listen, and they smile, but they do not speak to him, for he never ceases playing and never sees them, his dark eyes wholly rapt in the sweet, thin magic of the tune.

He finishes, and slowly lowers his hands holding the wooden flute.

As if that little private silence were the signal, all at once a trumpet sounds from the pavilion near the starting line: imperious, melancholy, piercing. The horses rear on their slender legs, and some of them neigh in answer. Sober-faced, the young riders stroke the horses' necks and soothe them, whispering, "Quiet, quiet, there my beauty, my hope...." They begin to form in rank along the starting line. The crowds along the racecourse are like a field of grass and flowers in the wind. The Festival of Summer has begun.

Do you believe? Do you accept the festival, the city, the joy? No? Then let me describe one more thing.

In a basement under one of the beautiful public buildings of Omelas, or perhaps in the cellar of one of its spacious private homes, there is a room. It has

one locked door, and no window. A little light seeps in dustily between cracks in the boards, secondhand from a cobwebbed window somewhere across the cellar. In one corner of the little room a couple of mops, with stiff, clotted, foul-smelling heads stand near a rusty bucket. The floor is dirt, a little damp to the touch, as cellar dirt usually is. The room is about three paces long and two wide: a mere broom closet or disused tool room. In the room a child is sitting. It could be a boy or a girl. It looks about six, but actually is nearly ten. It is feeble-minded. Perhaps it was born defective, or perhaps it has become imbecile through fear, malnutrition, and neglect. It picks its nose and occasionally fumbles vaguely with its toes or genitals, as it sits hunched in the corner farthest from the bucket and the two mops. It is afraid of the mops. It finds them horrible. It shuts its eyes, but it knows the mops are still standing there; and the door is locked; and nobody will come. The door is always locked; and nobody ever comes, except that sometimes – the child has no understanding of time or interval – sometimes the door rattles terribly and opens, and a person, or several people, are there. One of them may come in and kick the child to make it stand up. The others never come close, but peer in at it with frightened, disgusted eyes. The food bowl and the water jug are hastily filled, the door is locked, the eyes disappear. The people at the door never say anything, but the child, who has not always lived in the tool room, and can remember sunlight and its mother's voice, sometimes speaks. "I will be good," it says. "Please let me out. I will be good!" They never answer. The child used to scream for help at night, and cry a good deal, but now it only makes a kind of whining, "eh-haa, eh-haa," and it speaks less and less often. It is so thin there are no calves to its legs; its belly protrudes; it lives on a half-bowl of corn meal and grease a day. It is naked. Its buttocks and thighs are a mass of festered sores, as it sits in its own excrement continually.

They all know it is there, all the people of Omelas. Some of them have come to see it, others are content merely to know it is there. They all know that it has to be there. Some of them understand why, and some do not, but they all understand that their happiness, the beauty of their city, the tenderness of their friendships,

the health of their children, the wisdom of their scholars, the skill of their makers, even the abundance of their harvest and the kindly weathers of their skies, depend wholly on this child's abominable misery.

This is usually explained to children when they are between eight and twelve, whenever they seem capable of understanding; and most of those who come to see the child are young people, though often enough an adult comes, or comes back, to see the child. No matter how well the matter has been explained to them, these young spectators are always shocked and sickened at the sight. They feel disgust, which they had thought themselves superior to. They feel anger, outrage, impotence, despite all the explanations. They would like to do something for the child. But there is nothing they can do. If the child were brought up into the sunlight out of that vile place, if it were cleaned and fed and comforted, that would be a good thing indeed; but if it were done, in that day and hour all the prosperity and beauty and delight of Omelas would wither and be destroyed. Those are the terms. To exchange all the goodness and grace of every life in Omelas for that single, small improvement: to throw away the happiness of thousands for the chance of the happiness of one: that would be to let guilt within the walls indeed.

The terms are strict and absolute; there may not even be a kind word spoken to the child.

Often the young people go home in tears, or in a tearless rage, when they have seen the child and faced this terrible paradox. They may brood over it for weeks or years. But as time goes on they begin to realize that even if the child could be released, it would not get much good of its freedom: a little vague pleasure of warmth and food, no doubt, but little more. It is too degraded and imbecile to know any real joy. It has been afraid too long ever to be free of fear. Its habits are too uncouth for it to respond to humane treatment. Indeed, after so long it would probably be wretched without walls about it to protect it, and darkness for its eyes, and its own excrement to sit in. Their tears at the bitter

injustice dry when they begin to perceive the terrible justice of reality, and to accept it. Yet it is their tears and anger, the trying of their generosity and the acceptance of their helplessness, which are perhaps the true source of the splendor of their lives. Theirs is no vapid, irresponsible happiness. They know that they, like the child, are not free. They know compassion. It is the existence of the child, and their knowledge of its existence, that makes possible the nobility of their architecture, the poignancy of their music, the profundity of their science. It is because of the child that they are so gentle with children. They know that if the wretched one were not there sniveling in the dark, the other one, the flute-player, could make no joyful music as the young riders line up in their beauty for the race in the sunlight of the first morning of summer.

Now do you believe in them? Are they not more credible? But there is one more thing to tell, and this is quite incredible.

At times one of the adolescent girls or boys who go to see the child does not go home to weep or rage, does not, in fact, go home at all. Sometimes also a man or woman much older falls silent for a day or two, and then leaves home. These people go out into the street, and walk down the street alone. They keep walking, and walk straight out of the city of Omelas, through the beautiful gates. They keep walking across the farmlands of Omelas. Each one goes alone, youth or girl, man or woman. Night falls; the traveler must pass down village streets, between the houses with yellow-lit windows, and on out into the darkness of the fields. Each alone, they go west or north, towards the mountains. They go on. They leave Omelas, they walk ahead into the darkness, and they do not come back. The place they go towards is a place even less imaginable to most of us than the city of happiness. I cannot describe it at all. It is possible that it does not exist. But they seem to know where they are going, the ones who walk away from Omelas.